



RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Vinte anos após a Lei n. 10.639/2003: as encruzilhadas da Educação Física Escolar

Twenty years after Law n. 10.639/2003: the crossroads of School Physical Education

Veinte años de la Ley n. 10.639/2003: la encrucijada de la Educación Física Escolar

Pitias Alves Lobo¹

orcid.org/0000-0001-9028-2651
pitiaslobo@ufg.br

Victor Cavalcanti Cesar¹

orcid.org/0000-0002-6492-8727
victor.cavalcanti@egresso.ufg

Recebido em: 27 out. 2023

Aprovado em: 13 set. 2024

Publicado em: 16 dez. 2025.

Resumo: O presente artigo é produto de uma síntese do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de mesmo nome, que foi motivado pelo aniversário de 20 anos da Lei 10.639 (Brasil, 2003) e objetivou analisar as suas encruzilhadas com a Educação Física Escolar (EFE). Foi realizado um estudo teórico, produto de um levantamento bibliográfico de teses, artigos e livros que dialogou com a temática, utilizando como referência o materialismo histórico-dialético e uma epistemologia contracolônia para analisar os fenômenos do racismo e da colonialidade. Nesse caminho, conversamos com Simas e Rufino (2018) para engolir a educação pautada na égide da cruz e cuspi-la como encruzilhada, campo de vida, existência e trocas dessa "América Ladina". Dessa forma, conclui-se que a ancestralidade torna-se pilar para a produção de um conjunto de "perspectivas" (preto + perspectivas) capazes de trazer o movimento necessário para a ressignificação da Educação e alteração de um roteiro social, devolvendo ao negro seu protagonismo. A violência produzida pela neurose social do racismo estrutural dificulta a apropriação de uma epistemologia contracolônia. Contudo, defende-se que o uso da comunicação e a valorização daqueles que experienciam a Educação podem promover indivíduos críticos capazes de transformar e, por que não, ressignificar esse sistema historicamente engessado. Junto a isso, a EFE, em seu constante estado de entropia, pode caminhar entre seus limites e suas possibilidades para a transformação de sua práxis pedagógica produzindo um pluriverso pautado em uma docência notoriamente antirracista.

Palavras-chave: cultura; pedagogia das encruzilhadas; ordenamentos legais; Educação Física Escolar.

Abstract: This article is the result of a synthesis of an undergraduate thesis of the same title, which was motivated by the 20-year anniversary of Law 10639 (Brazil, 2003) and aims to analyze its crossroads with school Physical Education (PE). A theoretical study was carried out, based on a bibliographical survey of theses, articles and books that addressed the topic, using historical-dialectical materialism and counter-colonial epistemology as references to analyze the phenomena of racism and coloniality. In this vein, we spoke with Simas and Rufino (2018) to swallow education based on the aegis of the cross and spit it out as a crossroads, a field of life, existence and sharing of this "Amefrican Ladina America". Thus, it was concluded that ancestry became a pillar to produce a set of "blackspectives" (black + perspectives) capable of bringing about the necessary movement for the resignification of education and the alteration of a social script, restoring black people to their leading role. The violence produced by the social neurosis of structural racism hinders the appropriation of a counter-colonial epistemology. However, it is argued that the use of communication and the valorization of those who experience education can promote critical individuals capable of transforming and, why not, resignifying this historically rigid system. Within that, PE, in its constant state of entropy, can walk between its limits and possibilities for the transformation of its pedagogical praxis, producing a pluriverse based on a notoriously anti-racist teaching.

Keywords: culture; crossroads pedagogy; legal orders; school Physical Education.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.

Resumen: Este artículo es una síntesis de la tesis de pregrado del mismo nombre, que fue motivada por el vigésimo aniversario de la Ley 10.639 (Brasil, 2003) y tuvo como objetivo analizar sus intersecciones con la Educación Física Escolar (EFE). Se realizó un estudio teórico, resultado de una revisión bibliográfica de tesis, artículos y libros que abordaban el tema, utilizando el materialismo histórico-dialéctico y una epistemología contracolonial como referencia para analizar los fenómenos del racismo y la colonialidad. A lo largo de este camino, conversamos con Simas y Rufino (2018) para asimilar la educación basada en la égida de la cruz y escupirla como una encrucijada, un campo de vida, existencia e intercambios de esta "América Ladina". Así, se concluye que la ascendencia se convierte en un pilar para la producción de un conjunto de "negrespectivas" (negro + perspectivas) capaces de generar el movimiento necesario para la resignificación de la educación y la alteración de un guion social, devolviendo a la población negra su protagonismo. La violencia producida por la neurosis social del racismo estructural dificulta la apropiación de una epistemología anticolonial; sin embargo, se argumenta que el uso de la comunicación y la valoración de quienes experimentan la educación pueden promover individuos críticos capaces de transformar, y por qué no, resignificar este sistema históricamente rígido. Paralelamente, la Educación Física, en su constante estado de entropía, puede navegar entre sus límites y posibilidades para transformar su práctica pedagógica, produciendo un pluriverso basado en un enfoque de enseñanza notablemente antirracista.

Palabras clave: cultura; pedagogía de las encrucijadas; marcos legales; Educación Física Escolar.

EXU

Aquele que vem primeiro, o primeiro a ser falado, o primeiro a ser temido, aquele que faz com que as pessoas digam coisas que não gostariam de dizer, que faz com que a palavra seja cuspidada antes de ser suprimida. Anteriormente à sua própria compreensão, ele já é odiado. Traz das profundezas do inconsciente o desconforto, o preconceito e o estigma. Aquele que há muito tempo abandonou a religião para viver na cultura e a cultura, para viver no corpo. Bará, o consultado, o mensageiro, o respeitado, o contraditório, a comunicação. Para todas e todos que sabem falar, ler e "juntar letrinhas", apresento-lhes o espelho: Exu!

Não se explica ou justifica Exu, contudo socializaremos uma sabedoria ancestral, vinda da mestra Jardel: "*Somos exús ao escrever e enviar uma mensagem*". Sendo assim, apresentamos

essa escrita enquanto exusíaca, sendo que o itálico não será utilizado somente para palavras estrangeiras, mas também para destacar uma certa ironia ou chamar a atenção do leitor para algo. Por vir do candomblé e da tradição oral, é uma narrativa que por ora nos convida a ler em voz alta para darmos ritmo às palavras. Em consonância com isso, algumas expressões e sabedorias ancestrais serão socializadas ao longo do texto ou em formato de nota de rodapé. Seguindo a lógica acadêmica, traremos um acúmulo epistêmico que é produto da materialidade, preservado pela transmissão e herdado pela memória para a produção de uma comunicação e um estilo linguístico desenvolvidos por nós da *América Ladina*.

GUIGUM²

O presente artigo, produto de uma síntese do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado de *Vinte anos após a Lei n. 10.639: as encruzilhadas da Educação Física Escolar*, pela Faculdade de Educação Física e Dança, da Universidade Federal de Goiás, em 2023 (Cesar, 2023), busca discutir sobre as relações étnico-raciais e as suas possíveis interações com a Educação Física Escolar, tendo como combustível os 20 anos da Lei n. 10.639 (Brasil, 2003). Ela torna obrigatório o ensino das histórias africana e afro-brasileira, da cultura afro-brasileira, da luta dos negros no Brasil e do papel do negro para a formação da sociedade nacional nos estabelecimentos dos Ensinos Fundamental e Médio, particulares ou não, devendo estar presentes em todo o currículo escolar. Trata-se de um recorte intencional, pois compreende o papel do protagonismo do movimento negro resultado de uma série de lutas e movimentações, tal qual a Marcha para Zumbi, realizada cinco anos antes da alteração da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Brasil, 1996).

² Exu da família de Ogum, responsável por proteger a porteira da roça e aquele que possibilita a chegada de seu povo e impede a entrada daqueles que não vêm para somar.

Figura 1 – Foto da Marcha de Zumbi³ realizada em 1995, em Brasília



Foto: Geledés Instituto da Mulher Negra/Rede de Historiadores Negros /Acervo Cultne (Quinto; Rosaboni, 2022).

A questão-problema de ordem inconsciente que estimulou a produção deste trabalho e circunscreve a vida negra em sociedade foi encontrada na tese de Gomes (2019, p. 163): “professor, você podia perguntar se alguém já quis trocar ou nascer de outra raça”. Para respondermos a essa pergunta, dispomos da seguinte forma:

[...] foram traçados os objetivos; o geral sendo: conhecer e compreender a produção do conhecimento que aborda as relações étnico-raciais e a cultura negra na EF escolar e seu processo de validação e como específicos: identificar as produções publicadas em formato de teses, dissertações, livros e artigos em língua portuguesa no escopo da Educação e Educação Física que abordam temáticas sobre a cultura negra; definir descritores de pesquisa que possibilitem a seleção de títulos e resumos nos repositórios e [no] banco de dados digitais sobre a temática da pesquisa e apresentar a análise sistemática dos dados encontrados e [...] refletir sobre a importância das produções de conhecimento para pensar a questão racial na EF escolar (Cesar, 2023, p. 9).

De forma geral, a tese se apropriou de Simas e Rufino (2018), para propor uma educação antirracista em função da encruzilhada, isto é, transformar a égide da cruz, que durante tanto tempo representou o sistema de educação brasileiro em

cruzo, para além de uma substituição de valores assentes em uma lógica euro-cristã por outros assentes em uma epistemologia diaspórica; trata-se do reconhecimento das ciências acumuladas pelos povos historicamente marginalizados e pelas macumbas brasileiras para a produção de um local confluyente, onde o exercício dialógico possa produzir uma educação pautada no polirracionalismo e na contradição do contrário, ou seja, na contramão de um sistema impositivo, para que haja a comunicação.

Sendo assim, adotou-se a noção de pluriverso para melhor contemplar a cosmogonia herdada pelos povos afrodiaspóricos:

Deve-se notar que o conceito de universalidade era corrente quando a ciência entendia o cosmos como um todo dotado de um centro. Entretanto, a ciência subsequente destacou que o universo não possui um centro. [Isso] implicou na mudança do paradigma, culminando na concepção do cosmos como um pluriverso. Parece que a resistência do “universo” mostra uma falha que aponta para o reconhecimento da necessidade de um deslocamento do paradigma. Neste ensaio optamos por adotar [essa] mudança de paradigma e falar de pluriverso, ao invés de universo (Ramose, 2011 *apud* Nogueira, 2014, p. 33).

³ “Zumbi, esse que dentre seus muitos feitos, venceu a morte (para os povos afro diaspóricos, a mesma não representa o fim, o seu sinônimo portanto, é o esquecimento) e inspirou no ano de 1995, um ano antes da escrita da LDB, uma marcha em seu nome o que a História passou a considerar como um dos estopins para pressionar o Estado a discutir sobre o racismo, gerando os desdobramentos para a alteração da mesma em 2003” (Cesar, 2023, p. 17).

Trata-se da capacidade de retorno histórico, produto de uma alteração de paradigma para que a encruzilhada manifestada em terras brasileiras possa contemplar o conjunto de múltiplas individualidades e por conseguinte subjetividades. Desenvolvendo uma narrativa que supera a pureza da posição neutra e imparcial, discorrendo sobre indivíduos que constroem e contam suas histórias em função da materialidade na qual estão inseridos. Logo, o pluriverso se manifesta como mercado-mundo no qual são realizadas as boas trocas necessárias para a confluência, superando, assim, o vício histórico de imposição e epistemicídio de um conjunto cultural sobre o outro.

Nessa trama, busca-se superar a ideologia construída pelos colonizadores e esse sistema de representações que se manifestam na subjetividade consciente como vivências e no comportamento objetivo, como condutas e discursos. Um dispositivo social que visa organizar e tornar coerente a sociedade, estruturando diversos aspectos dela, e funcionando como uma espécie de cosmovisão a ser superada em função de um pluriverso cosmogônico. “É aqui, no âmbito ideológico, que a psicanálise, ciência do inconsciente, encontra o seu lugar de articulação com o Materialismo-Histórico. Elucidar o processamento da ideologia a nível subjetivo é tarefa que se outorga à psicanálise” (Souza, 1983, p. 74).

Desta feita, o corpo supera a sua pureza biológica e mecânica, tornando-se seu próprio terreno, mais do que aquele que se movimenta, e se transforma naquele que carrega em sua pele as marcas dos passos por onde caminhou, assim como as marcas de seus ancestrais. Sua cor, até então vista e rechaçada, transforma-se em tato, paladar, olfato e audição, e em todos os sentidos mais, necessários para superar a cosmovisão.

ALAGBÈDE⁴

A tese se apropriou de Gil (2002, 2008) para a construção do referencial teórico. Como método

foi utilizado o materialismo histórico-dialético (MHD), e tal perspectiva aponta que os fatores sociais não devem ser analisados isoladamente, uma vez que estão inseridos em uma complexa malha de influências: políticas, sociais, culturais, históricas, corporais e também subjetivas. Isso acaba por possibilitar uma interpretação dinâmica com os dados da totalidade da realidade que prioriza a sua verve qualitativa, diferentemente do positivismo que, em seus postulados, analisa o real e extrai dele os aspectos empírico-quantitativos. Esse estudo teve um caráter exploratório, tendo como objetivo gerar mais familiaridade com o problema, explicitando-o ou constituindo hipóteses.

Ressalta-se, portanto, que o objetivo principal é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, em sua maioria, bastante flexível, de modo que possibilitará considerações dos mais variados aspectos relativos ao objeto estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que ‘estimulem a compreensão’” (Selltiz *et al.*, 1967 *apud* Gil, 2002, p. 41).

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em um material já elaborado, composto prioritariamente de livros e artigos científicos. “As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas” (Gil, 2002 *apud* Cesar, 2023, p. 10). Os dados foram obtidos principalmente por meio do banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (teses e dissertações de programas de pós-graduação em educação e EFE), assim como de *sites* de periódicos científicos da EFE e da educação. Como critério de escolha, elas deveriam possuir vinculação ao MHD. A busca foi realizada por descritores:

[...] para a produção em EF: “EF + 10.639”; “EF + cultura negra”; “cultura corporal + encruzilhada”;

⁴ Uma das qualidades de Ogum, cuja tradução significa: ferreiro; aquele que produz as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da sociedade (desde a agricultura e caça até a guerra).

Para a produção em Educação: "escola + encruzilhada"; "escola + 10.639"; "escola + cultura negra" "educação + relações étnico raciais"; "educação + cultura negra"; "educação + contra colonialidade" (Cesar, 2023, p. 10).

HUNKÓ⁵

Para tanto, apresentaremos uma EFE por meio de uma breve digressão histórica e buscaremos, por meio do uso de uma epistemologia contracoletiva, a produção de novas possibilidades para a resignificação do corpo, do conhecimento e da cultura produzida pelos trânsitos desses protagonistas, coadjuvantes da própria narrativa. Apropriamo-nos do Coletivo de Autores (1992), para que nos contassem sobre a contribuição do movimento marxista para a produção de criticidade, tendo a cultura corporal como principal eixo de discussão a fim de produzir uma educação que contemple a classe trabalhadora, portanto, na perspectiva do Coletivo de Autores (1992), a educação física é uma prática pedagógica escolar, que constitui uma área de conhecimento de atividades expressivas corporais.

[...] Essa cultura corporal está diretamente ligada ao corpo e ao movimento, em heranças culturais produzidas ao longo da história da humanidade e, tal qual como parte do trabalho desenvolvido na escola, dar acesso a essa herança é função da educação física escolar (Gomes, 2019, p. 66).

Em contraponto ao que foi socializado por Gomes (2019), partindo da obra mencionada pelo próprio autor, essa nem sempre foi a história. Castellani (1998) propõe-se a estudar a EFE por meio do retorno histórico e da sua serventia para as elites em função das épocas. Durante o Império, ela servia para reforçar as estereótipos em função do gênero, para a construção de papéis e locais que possibilitassem as funções do ser homem e ser mulher. Na década de 1930, passou a produzir uma identidade patriota voltada para a ética e moral daqueles que precisavam defender seus valores tais quais as fronteiras de uma nação recém-independente. Mais adiante,

serviu para adestrar a massa trabalhadora e prepará-la para as longas jornadas de trabalho e, quando a discussão adentrou os muros da academia, assumiu um caráter lúdico para reproduzir a alienação vivida na sociedade e no modo de produção capitalista, objetivando o esvaziamento das discussões estudantis e a articulação de quem estaria mais apto a disputar as modalidades no campeonato interno.

Diferentemente do que a bibliografia nos leva a pensar, a discussão sobre o negro não é recente. Ela se inicia na primeira vez que o branco pisa na África, com uma série de cartas para seu Papa (Bispo, 2015) (uma espécie de Babá, responsável por resolver suas lutas tribais e organizar seu culto). Não obstante, a discussão do negro é ainda mais antiga, com uma pluriversalidade de filosofias, mitos, religiões, culturas, sistemas organizacionais, escritas, idiomas, ciências, jogos, brinquedos e brincadeiras anteriores à própria elaboração de seu calendário. Sendo assim, façamos uso de uma sabedoria ancestral: "*De qual lado você quer contar a sua história, do lado do vencedor, ou, do lado de quem perde?*" (Dona 7). Mais do que uma ironia adstringente, façamos o erro virar acerto: a suposta ausência de histórias não deve ser confundida com um silenciamento compulsório necessário para a reprodução de uma sociedade racista. Logo, continuemos de onde o coletivo parou, a discussão étnico-racial na EF escolar.

Refletir o corpo a partir de uma perspectiva cultural é superar a supremacia do biológico produzido por uma herança eugenista e higienista, discorrendo sobre "indivíduos que não estejam dentro de uma formatação social masculina, branca, heteronormativa, cis e magra" (Gomes, 2019, p. 67). Para tanto, é preciso discutirmos sobre o corpo terrestre. Mais do que um objeto que foi trazido como mercadoria, ou docilizado como inocente, trata-se do corpo que manifesta o chão no qual caminha, trazendo a ginga, a malandragem e o samba no pé tal qual traz as formas apolíneas da ginástica e o equilíbrio do balé.

⁵ Popularmente conhecido como quarto de santo, é onde o Abyan torna-se yawo, local onde esse noviço aprende sobre sua cultura, seu *orisá* e, por conseguinte, sobre si mesmo.

A superação de uma história única convida o narrador ao local de personagem para um novo olhar sobre as narrativas. Transgredindo o que é negro e o que deixa de ser, transpõe o que deve ser lembrado todo dia 20 de novembro para o que deve ser discutido durante todo o ano. O direito à memória foi conquistado, mas o seu posicionamento somente enquanto uma data comemorativa foi um movimento de denegação da classe dominante. Para tanto, é sobre a alocação do corpo colonizado em função de sua ocupação territorial em uma América africana, ladina por natureza⁶.

O Brasil – por razões de ordem geográfica, histórico-cultural e sobretudo da ordem do inconsciente – é uma América [africana] cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o t pelo d para [...] nomear o nosso país com todas as letras: América Ladina (cuja neurose social tem no racismo o seu sintoma por excelência). Nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os “pretos” e “pardos” do IBGE) são ladinos-americanos. Para entendermos as artimanhas do racismo acima caracterizado, temos que nos reportar [à] categoria freudiana de denegação (Gonzalez, 2018 *apud* Cesar, 2023, p. 20).

Logo, cabe à EF escolar discorrer sobre a cultura produzida pelos trânsitos na encruzilhada brasileira, analisando os caminhos percorridos pelos povos originários, pelos povos afrodiáspóricos e pelos descendentes dos europeus que assentaram nesse chão os fundamentos de sua existência. O objetivo é produzir uma educação espiralada e pautada no movimento, superando a inércia gerada pela fetichização comemorativa e a implementação dos ditos clássicos. Para isso, o corpo que caminha entre cruzos precisa ser propriamente fundamentado, tornando-se apto para a viagem chuvosa de abandonar o universo e retornar ao pluriverso. Essa inversão da consciência está posta perante a adoção de uma epistemologia contracolônia e por consequência um sistema educacional que contemple a pluriversalidade existente dentro do chão escolar.

Desta feita, a discussão curricular sobre quais conhecimentos devem ser ensinados, bem como por quem e para quê, e como serão validados, é

transposta pela necessidade orgânica materializada nesse local. Isso perpassa a compreensão de quem, por meio de suas relações com o coletivo, a instituição e a comunidade, produz os significados e reproduz os signos de suas experiências, ou seja, os estudantes. Para além do que interessa a esses alunos, ou do que gostam, trata-se da capacidade de gerar diálogos, intrínseca ao ato pedagógico. Exemplificando: para uma turma que tem resistência à dança, por que não organizar uma coreografia a partir de um gênero musical que lhes contemplem? Ou, ainda, refletindo a partir de um pensamento interdisciplinar, para um grupo que tem dificuldade em Física, por que não ensiná-lo a partir de um jogo de futebol?

Para que política educativa das relações étnico-raciais possa ser consolidada é importante o ato de reforçar a produção do *habitus* docente, isto é, a formação de uma segunda natureza baseada na indissociabilidade da figura do professor pesquisador, aquele que está em movimento, não se estatizando a partir da lógica que uma vez diplomado já possui todo o conhecimento necessário para intervir e não precisa mais estudar para realizar as boas trocas. Para Simas e Rufino (2018, p. 37), trata-se do pesquisador-cambono, na produção dos autores, o cambono seria uma espécie de auxiliar, aquele que realiza as atividades anteriores aos fazeres e saberes necessários para a abertura de caminhos, a grosso modo, seria quem está: “na porteira da condição de [não saber] e da emergência do ato de praticar”.

Retomando a ideia do professor-cambono discutida no TCC, enquanto aquele que está na porteira do não saber e na emergência do ato de ensinar, discutiremos sobre o professor-malandro, enquanto aquele que faz uso de sua ginga e da capacidade de jogar com seus estudantes para a produção de uma roda, superando a verticalidade do processo de ensino-aprendizagem tradicional. Ele é aquele que usa da navalha produzida pelo conhecimento para cortar as amarras que engessam seus discentes, perguntando e

⁶ Conceito cunhado por Lélia Gonzalez (2018) para representar a formação cultural e identitária brasileira.

encontrando resposta. Para isso, são necessárias a confluência e a comunicação. Sendo assim, o berimbau se curva para mestre Gomes (2019), que em sua tese costura um livro, produto de um conjunto de escrevivências experienciadas por um coletivo de alunos e alunas negros que problematizam as consequências do racismo estrutural vivenciado em seus caminhos e constroem coletivamente uma encruzilhada que ressignifica suas caminhadas e subverte a opressão sistemática; "que minha mente e meu corpo não estejam somente absorvendo, mas também criando" (Victória, 2019 *apud* Cesar, 2023, p. 42).

Como transmitido nas macumbas brasileiras: "idade é cargo", isto é, a valorização daquele que já vivenciou e apropriou-se de conhecimentos e, hoje, levanta-se para ensinar. Um processo espiralado que, quando bem realizado, fortalece a comunidade e reforça os laços de seus integrantes. Academicamente falando, trata-se da valorização do processo ontológico desses indivíduos, o que Saviani (2011) conceitua como prática social. É a materialidade na qual esses sujeitos estão inseridos e para onde irão retornar, após sua catarse. É por meio da compreensão dela que o docente torna-se apto para interagir com seus estudantes estimulando sua criticidade para que se apropriem das ferramentas necessárias ou as produzam, para a transformação do conjunto social que experienciam.

Por conseguinte, é sobre o rompimento do silenciamento necessário para a produção da comunicação. O autor nos conta sobre o paradoxo da escrita, em que, em poucas palavras, esses estudantes conseguem trazer a densidade de suas experiências e inúmeras contribuições para seu processo de ensino-aprendizagem. "Histórias longas condensadas em curtas palavras, tal qual [...] gotas de chuva que fizeram parte de uma

nuvem muito maior. Gotas que, antes de nuvem, percorreram inúmeros caminhos na Terra" (Gomes, 2019 *apud* Cesar, 2023, p. 46). Os relatos que seguem na escrita trazem as violências sofridas pelas alunas e pelos alunos negros, que, quando realizadas dentro dos muros escolares, trazem a máscara do *bullying*⁷. Contudo, compreende-se que o nosso povo não precisa de mais violência para validar os seus conhecimentos ou a sua episteme. Na contramão da indústria cultural, escutaremos esses intelectuais que, por meio de sua reflexão, constroem os caminhos para uma educação e uma EFE violentamente antirracistas.

Como exemplo, eu, como estudante negra, gostaria muito que meus professores se interessassem [pelas] nossas opiniões, queria muito ter aula sobre a cultura negra, aprender mais [sobre] a origem das brincadeiras, danças e jogos [em] que nós negros somos protagonistas da maioria e alguns nem sabemos disso, podíamos fazer eventos educativos em cima disso, algo informativo que aborde esse assunto [e] essa cultura, nossa cultura, mostrar nossa Arte [e] falar como nós negros contribuimos bastante pra muitas coisas que pessoas brancas [...] utilizam, jogam ou fazem e não ganhamos reconhecimento [...] (Gomes, 2019 *apud* Cesar, 2023, p. 47).

É na repicada do gunga⁸ que essa estudante passa a rasteira em todos os docentes⁹ que afirmam desconhecerem sobre a Lei n. 10.639 (Brasil, 2003) ou serem incapazes de atendê-la dada a falta de capacitação e o acúmulo teórico (Mendonça; Freire; Miranda, 2020). A discussão do corpo-terreiro acontece na encruzilhada brasileira. Logo, ao se abordar toda e qualquer temática relativa a essa cultura, trata-se de falar sobre os povos que, em conjunto, constituíram-na e ressignificam-na. Analogicamente, a Educação e a EFE não precisam de um "negro" escrito entre parênteses ao lado do conteúdo para saberem quando devem ou não abordar as relações étnico-raciais; toda e qualquer questão social deve estar

⁷ A escola é uma instituição cercada de contradições e, em meio a isso, surge a terminologia *bullying*, com o intuito de desviar e reduzir a discussão acerca da violência escolar, impedindo a sua reflexão, o que leva o entendimento desse fenômeno a uma perspectiva moralista, individualista e naturalista, como se fosse algo "próprio do universo da criança e do adolescente" (Almeida, 2021 *apud* Cesar, 2023, p. 42-43). A concepção de *bullying* atende a razão de domínio, uma vez que há um silenciamento e ocultamento das formas de violência. São esvaziados o conteúdo e a substância da categoria violência e busca-se explicar de uma nova forma, caracterizando-a agora como *bullying*.

⁸ Berimbau com a cabaça maior.

⁹ Para além de uma ironia quanto ao local dos docentes que se acomodam em suas funções, uma vez diplomados, ressalta-se a necessidade de disciplinas que contribuam para a educação das relações étnico-raciais em todo o currículo, não somente na Educação Básica, mas assim como no Ensino Superior.

intrínseca ao conteúdo para a produção de uma educação crítica e, por conseguinte, antirracista.

Para tanto, é necessária a superação da história única para a inversão da consciência e criação de um pluriverso, em que a materialidade desses estudantes traga a validação de suas tecnologias. Sendo assim, mais do que reproduzir uma narrativa de sofrimento todo dia 20 de novembro, é preciso fazer valer a lei, ensinando as histórias africana e afro-brasileira e sua cultura. É preciso transgredir a metonímia da escravidão, isto é, ir muito mais além do que a divisão política de 54 países após a colonização e o imperialismo, e analisá-la em função do berço da humanidade, mãe de muitas etnias e culturas, muitos sistemas organizacionais e, conseqüentemente, muitas tecnologias. Falar sobre diáspora é discutir a sabedoria de um corpo de ancestrais que preservaram as suas formas de vida e suas trocas com o mercado-mundo, para que seus descendentes nunca se esquecessem da nascente desse rio.

Mais do que uma recuperação folclórica ou idealizada, trata-se das mandingas e dos feitiços desse coletivo para a preservação de sua essência. É sobre identidade:

Quem cede a vez não quer vitória Somos herança da memória Temos a cor da noite

Filhos de todo açoite

Fato real de nossa história

Se o preto de alma branca pra você É o exemplo da dignidade

Não nos ajuda, só nos faz sofrer Nem resgata nossa identidade

(Jorge Aragão, 2004, faixa 2, DVD Da noite pro dia, ao vivo 3).

Sinteticamente, é sobre a assimilação do fato. Contudo, sua produção está posta perante a herança da memória e o resgate da dignidade. Em linhas gerais, é trazer liberdade, som e ritmo para a narrativa, gerando uma síncope do que se ensina, do como se faz e do quem aprende. A EFE, pautada na práxis, ou seja, no processo dialético entre a teoria e prática, mais do que o conhecimento e o chão escolar, discorre sobre a

indissociabilidade entre a mente e o corpo, entre o ato de ensinar e seu produto. Sendo assim, para a sua real implementação, é necessária a superação do corpo mecânico e do estudante enquanto uma esponja, cujo papel essencial seria absorver uma cultura e um *corpus* de conhecimento que não necessariamente coaduna-se com a sua produção de existência e materialização na sociedade. Contudo, para a transformação de significados, é necessária a apropriação de signos, mas que não devem ser engessados, pois isso só contribuiria para a evasão. Eles devem possuir movimento, para que se insiram na organicidade desses indivíduos.

Dessa forma, não se trata da responsabilização da educação e, portanto, [de a] escola isolada [...] alterar as estruturas sociais, mas sim [...] de formar indivíduos críticos, capazes de problematizar e instrumentalizar soluções para a emancipação de um sistema que não lhes contempla/sacia/plenifica. E para que esse processo aconteça é necessário que aqueles que intervêm no chão da escola junto dos terceirizados, técnicos e alunos, tenham uma formação adequada dentro da educação para as relações étnico-raciais (Cesar, 2023, p. 49).

A valorização ontológica, a recuperação do protagonismo, a capacidade de escuta e a possibilidade de fala estão atadas ao signo de *Alagbè-de*. Os próprios estudantes tornam-se método e metodologia de seu processo de ensino-aprendizagem. Não se trata de um *laissez-faire*. É a compreensão de que o ferro, quando esquentado, pode ser modelado em qualquer coisa. Também é minério presente no sangue, o que faz com que, quando eles saltam, correm, jogam, dançam ou lutam, adaptem-se às circunstâncias e, por meio de cada individualidade, vibrem tecnologia. O suor, o dendê que escorre do corpo, tal qual as lágrimas escorrem dos olhos, traz a poética que dispensa uma monorracionalidade¹⁰.

A partir disso, e desenvolvendo uma abordagem vygotskyana, de verve soviética, da psicologia sócio-histórico-cultural, pela obra de Rego (1995), referendamos o conceito da mediação necessária para a produção de uma zona de desenvolvimento proximal que possibilite que o

¹⁰ Ver capítulo 2 de Cesar (2023), *yawo*.

sujeito avance da sua zona de desenvolvimento real para a sua zona de desenvolvimento potencial; isto é, por meio de uma intervenção ou em uma situação-problema, ele vem a se apropriar de um conhecimento que até então não possuía.

Ato é aquilo que se faz ou se pode fazer. Na escola o ato de ensinar a E.F é mais do que recreação ou lazer. Construção de um sujeito social, para além do corpo sentado. Adestramento ou assentamento, sem crivar ninguém do conhecimento crítico fomentado. Movimento de ruptura, às vezes parece loucura ou um sonho de liberdade. Com diretrizes que dizem igualdade, mas que fogem da nossa realidade. Consciente coletivo de transformação, vai além do que fizeram da nossa educação (Miranda, 2023 *apud* Cesar, 2023, p. 49)¹¹.

Nessa breve poesia de linhas densas, percebe-se qual é o papel da EFE para com a implementação da Lei n. 10.639 (Brasil, 2003): cabe ao campo de estudo da cultura corporal transformá-la em linguagem, para que os corpos que foram violentamente esquecidos não sejam lembrados, mas, sim, ressignificados. O termo "negro" usado para excluir e segregar torna-se tinta de novas narrativas pautadas na ancestralidade, conceito que esteve nas entrelinhas durante a escrita deste trabalho. Logo, a justificativa do coletivo de falta de apropriação teórica deixa de responsabilizar o negro que não ensina e passa para o branco que não quer aprender. Ou seja, tal qual se visita a academia para uma melhor formação profissional, deve-se visitar os terreiros, as rodas de capoeira e de samba, o futebol no campo do bairro, o basquete de praça, o skate debaixo da ponte e os quilombos urbanos e rurais para a construção de um capital cultural que possa chacoalhar a cintura de uma sociedade neocolonial.

Junto ao docente assumir o seu local de cambo e pesquisador, cabe à escola e à Educação entenderem o local da EFE para além da recreação. Um campo munido de possibilidades, já que gera liberdade para os estudantes aprenderem de outras formas além da tradicional dentro das salas de aula, possibilitando que seus corpos superem

a barreira do estatismo de suas cadeiras. Abrindo caminhos para que se apropriem de sua cultura, vivenciando-a, movimentando-se e gerando os trânsitos que trarão transformação.

PAÓ¹²

De forma breve, o presente artigo visou sintetizar algumas das questões discutidas durante o TCC, tensionando o papel entre a Educação e a EFE, a implementação da Lei n. 10.639 (Brasil, 2003) e alguns possíveis diálogos. Adotou-se a encruzilhada como uma forma de ressignificação da égide da cruz adotada pelo coletivo colonizado para a produção de uma educação pautada em uma lógica euro-cristã, transformando-a em um local místico, em que a comunicação e as boas-trocas se tornam possíveis. Não se trata da substituição de um signo por outro, mas, sim, da confluência, da produção de uma *América Ladina*, na qual a superação do sintoma do racismo produz uma sociedade mais equitativa.

Para tanto, foi realizada uma contextualização da lei e uma digressão histórica para propor um novo marco para a EFE, no qual ela se apropria de uma série de *perspectivas* (preto + perspectivas) para a produção de um local ancestral, onde o conhecimento e as experiências têm o mesmo valor que aqueles e aquelas que se apropriam deles. Novamente foi proposta a adoção de um referencial diaspórico ou, ainda, contracolonial, para a superação do fenômeno racista. Isto é, a ancestralidade exposta na encruzilhada reconhece a autoridade negra e valida suas ciências para a implementação de uma epistemologia que devolva o protagonismo negro para nossas crianças, revelando um acervo de histórias e formas que podem ser socializadas e que rompam com o fetichismo colonizador.

Tudo isso por meio das comunidades herdeiras da memória que reconstróem uma educação e uma escola capazes de reproduzir os quilombos, os únicos reais símbolos de uma democracia

¹¹ Poeta negro e companheiro de graduação que produziu esses versos em especial para o TCC (Cesar, 2023, p. 49). O poema também pode ser acessado em: <https://www.instagram.com/p/CokMCHgOIFQ/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng==>. Acesso em: 29 set. 2023.

¹² Ato de bater palmas em um certo número e ritmo de forma a saudar os mundos e os ancestrais, normalmente utilizada num momento de grande emoção e aprendizado ou como forma de encerramento dos ritos.

racial em terras pindorâmicas. Movimento esse que não culpabiliza o docente, mas, sim, convida-o para essas comunidades ancestrais, *lôcus* do saber diaspórico, para que ele possa mediar o processo de ensino-aprendizagem desses estudantes. O corpo em função de sua polissemia não deve estar atado a somente um conjunto de significados; a pluriversalidade o convida a sambar ao som de músicas clássicas.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Jorge. IDENTIDADE. Intérprete: Compositor: Jorge Aragão. In: Da noite pro dia. Rio de Janeiro: Indie Records, 2004. (2'25").
- BISPO, Antônio. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília, DF: UnB, 2015.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 nov. 2025.
- BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10639.htm. Acesso em: 21 nov. 2025.
- CASTELLANI, L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.
- CESAR, V. C. 20 anos após a Lei n. 10.639: as encruzilhadas da educação física escolar. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Dança, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/2d2e1cb4-e-43e-4079-8483-d665d917ca3f/content>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortês, 1992.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A. C. Modos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, I. Negro drama: narrativas estudantis negras, educação física escolar e educação étnico-racial. Dissertação (Mestrado em Educação e Docência) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/c272ce65-013c-454d-9774-2804cf30d9da>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- GONZALEZ, L. Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras. São Paulo: UCPA, 2018.
- MENDONÇA, G.; FREIRE, E.; MIRANDA, M. Relações étnico-raciais e educação física escolar: uma revisão integrativa de teses e dissertações. Motrivivência, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-20, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/motrivivencia/v32n63/2175-8042-motri-32-63-e76893.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- NOGUERA, R. O ensino da filosofia e a Lei n. 10.639. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.
- QUINTO, A. C.; ROSABONI, C. Legislação resulta de lutas e do aprofundamento de debates sobre o racismo. Jornal da USP, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/noticias/especial-lei-10-639-legislacao--resulta-de-lutas-e-do-aprofundamento-de-debates--sobre-o-racismo/>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- REGO, T. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.
- SIMAS, L.; RUFINO, L. Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- SOUZA, Neusa. Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Pítias Alves Lobo

Licenciado em Educação Física, especialista em Educação Física Escolar (FEFD/UFG), mestre e doutor em Educação (Faculdade de Educação/UFG), professor associado I do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG).

Victor Cavalcanti Cesar

Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Endereço para correspondência

Pítias Alves Lobo

Estrada Gin 010, Km 2
Setor Chácaras de Recreio Samambaia
Condomínio Paradiso, casa 6
74691306
Goiânia, GO, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.